

Artigo

A variação do modo subjuntivo em orações independentes introduzidas pelo item talvez e em orações intercaladas

The variation of the subjunctive mood in independent clauses introduced by the term “talvez” and in parenthetical clauses

Vânia Raquel Santos Amorim¹ 0000-0002-4339-6768

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil - amorimvrs@gmail.com

Resumo:

Neste trabalho, investigamos a variação do subjuntivo em orações independentes introduzidas pelo item talvez e em orações intercaladas introduzidas pelo que. A pesquisa é fundamentada na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) que defende, como princípio basilar, que os usos linguísticos modelam a estrutura da língua e conferem a ela processos de variância. Sendo assim, resgatamos alguns pressupostos dessa abordagem teórica como os processos cognitivos de domínio geral; o princípio da expressividade maximizada, Goldberg (1995) e as frequências token e type relacionadas ao contexto linguístico para explicarmos o processo de variação do modo subjuntivo. Em relação à metodologia, orientamo-nos por meio do método misto que conjuga as metodologias qualitativa e quantitativa (CUNHA LACERDA, 2016). A amostra analisada é constituída por 48 (quarenta e oito) gravações do Português Culto de Vitória da Conquista-BA (Corpus PCVC) e do Português Popular da cidade de Vitória da Conquista-BA (Corpus PPVC). Concernente à análise dos dados, a variação do subjuntivo pode ser explicada por fatores associados às habilidades cognitivas de domínio geral, como analogia, memória rica e categorização; pelo princípio da expressividade maximizada; pelas frequências token e type e pela proposição hierárquica e esquemática na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013). Ainda refletimos a respeito de como o conteúdo gramatical do modo verbal subjuntivo, com o aparato teórico da LFCU, pode contribuir para um ensino eficaz e mais contextualizado de gramática, tomando como ponto de partida a língua em uso e a realidade linguística dos educandos.

Palavras-chave: variação; subjuntivo; linguística funcional centrada no uso.

Abstract:

In this paper, we investigate the variation of the subjunctive mood in independent clauses introduced by the term talvez (perhaps) and in parenthetical clauses introduced by que (that). The research is grounded in the Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU (Usage-Based Functional Linguistics – UBFL), which advocates, as a fundamental principle, that linguistic usages shape the structure of language and endow it with processes of variability. Therefore, we retrieve some assumptions from this theoretical

approach, such as: the general-domain cognitive processes, the principle of maximized expressiveness by Goldberg (1995), and the token and type frequencies related to the linguistic context in order to explain the process of subjunctive mood variation. In terms of methodology, we are guided by the mixed-method approach that combines qualitative and quantitative methodologies (Cunha Lacerda, 2016). The analyzed sample consists of 48 (forty-eight) recordings of the Português Popular de Vitória da Conquista – Corpus PPVC (Popular Portuguese of Vitória da Conquista) and the Português Culto de Vitória da Conquista – Corpus PCVC (Cultivated Portuguese of Vitória da Conquista), in the state of Bahia, Brazil. Regarding the data analysis, the variation of the subjunctive mood can be explained by factors associated with general-domain cognitive abilities, such as analogy, rich memory, and categorization; by the principle of maximized expressiveness; by token and type frequencies; and by the hierarchical and schematic proposition in Traugott and Trousdale's perspective (2013). We also contemplate how the grammatical content of the subjunctive mood, within the theoretical framework of Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), can contribute to an effective and more contextualized grammar instruction, using the language in use and the linguistic reality of the learners as a starting point.

Keywords: variation; subjunctive; usage-based functional linguistics.

Introdução

Nos estudos de abordagens baseadas no uso da língua em situações reais, a gramática, sensível às pressões do uso, está em constante remodelagem. Várias motivações unem forças internas e externas nessa constituição contínua da gramática no intuito de cumprir propósitos comunicativos. Mediante a compreensão dessa gramática emergente, nos termos de Hopper (1995), e pensando no espaço escolar, verificamos haver uma urgência de que o ensino de gramática ocorra de forma mais contextualizada com a realidade do aluno já que a gramática é condicionada às pressões de uso.

Duarte e Casseb-Galvão (2017) dizem que considerar a língua em uso significa uma análise dentro do contexto situacional, pois é, no processo de interlocução, que a estrutura do sistema linguístico vai se modelando. “O estudo da estrutura linguística está diretamente subordinado ao uso em contextos sociais específicos, em inter-relações e em interfaces” (Duarte; Casseb-Galvão, 2017, p. 47). Conduzindo os alunos a refletirem essas situações concretas de uso da língua de caráter fluido e heterogêneo, estaremos direcionando-os a uma eficiência comunicativa.

Com esse propósito, neste capítulo, refletimos a respeito da gramática da língua em uso, observando o comportamento variável do modo subjuntivo. Mais

especificamente, temos, como objetivo geral, a intenção de analisar a variação do modo subjuntivo em orações intercaladas iniciadas por *que* e em orações independentes iniciadas pelo item *talvez*, levando em consideração o aparato teórico da Língua Funcional Centrada no Uso.

Alicerçados, então, nessa perspectiva teórica, o presente trabalho é direcionado pelas seguintes questões-problema: (1) Com base em uma perspectiva construcional, o modo inovador do subjuntivo forma outro pareamento de forma e função? (2) Qual a representação da rede taxonômica virtual do modo verbal subjuntivo no Português?

Para as possíveis respostas às questões apresentadas, guiamo-nos pelas seguintes hipóteses: concernente à primeira questão-problema e, alinhados a uma abordagem construcional, aventamos que a variação do subjuntivo surge como a constituição de outro pareamento de forma e função no Português Brasileiro, porque além de exercer a forma-função que lhe é característica, também se utiliza de formas do modo indicativo para esse fim. Aventamos, ainda, que essa outra forma-função que surge do subjuntivo pode ser explicado por fatores de ordem cognitiva de domínio geral, a saber: memória rica, analogia e categorização. Referente à segunda questão-problema, conjecturamos que a representação da rede taxonômica virtual e abstrata do modo subjuntivo pode ser delineada da forma a seguir: o esquema do modo verbal sanciona 3 (três) subesquemas, a saber: modos imperativo, subjuntivo e indicativo. O modo verbal subjuntivo instancia duas microconstruções, formadas pela forma prototípica (forma subjuntiva) e por sua forma em variação (forma indicativa), conforme expõem Amorim e Sousa (2021b).

Com o intuito de validar essas hipóteses, estabelecemos os seguintes objetivos: (i) analisar a variação do modo subjuntivo em orações introduzidas pelo item *talvez* e em orações intercaladas iniciadas pelo *que*; (ii) Propor uma rede taxonômica virtual e abstrata do modo subjuntivo na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013).

Concernente aos procedimentos metodológicos da pesquisa, utilizamos, apoiados em Cunha Lacerda (2016), o método misto que constitui a associação entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa.

A fim de cumprir com o que foi proposto aqui nesta pesquisa, a sua sumarização se dá da seguinte maneira: nesta introdução, explanamos a respeito do objetivo da pesquisa, das questões-problema, das hipóteses levantadas, da perspectiva teórica e do método utilizado. Em seguida, tratamos do subjuntivo na tradição gramatical nos

contextos de orações introduzidas pelo item *talvez* e das orações intercaladas iniciadas pelo *que*. Na seção seguinte a esta, abordamos sobre a teoria acionada para a pesquisa. Depois, tratamos dos procedimentos metodológicos e da amostra selecionada para analisar os dados. Na sequência, dedicamo-nos à análise dos dados. Por fim, apresentamos as considerações finais seguidas das referências.

O subjuntivo em sentenças independentes e em parentéticas na Gramática Tradicional e Descritiva

A Tradição Gramatical determina o uso do modo subjuntivo no contexto das dubitativas com o advérbio *talvez*, conforme demonstra o exemplo: “Talvez a estas horas *desejem* dizer-te pecavi! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue” (Bechara, 2004, p. 280 grifos do autor). Apesar dessa determinação, Bechara (2004) pontua que, às vezes, acontece a utilização da forma indicativa com o item *talvez*: “Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome” (Bechara, 2004, p. 280 grifos do autor). O gramático explicita a sua impressão de que o uso do indicativo nesse exemplo parece evidenciar melhor a certeza de que o que se duvida pode ser realizado.

Na gramática descritiva, também encontramos que a construção típica das orações independentes com *talvez* acontece com o modo verbal subjuntivo. (Neves, 2011). Assim como Bechara (2004), Neves (2001) explicita ser raro nesse contexto o uso no modo verbal indicativo e restrito a “tempos verbais com valor pouco definido como a exemplo do pretérito imperfeito: Ali, **TALVEZ**, **escrevia** para leitores de outros tempos ou nações (ACM)” (Neves, 2011, p. 248 grifos da autora).

Neves (2011) registra a sua opinião de que mesmo em caso de servidão gramatical do uso do modo verbal subjuntivo em construções iniciadas com o advérbio *talvez*, o falante tem estratégias disponíveis na língua para exprimir graus de certeza que reflitam a sua intencionalidade e, afirmado isso, traz um outro exemplo: “Tudo que vive (e é isso, **TALVEZ**, que divide as coisas vivas das coisas sem vida) é arbitrário. (CT)” (Neves, 2011, p. 248, grifos da autora). Nesse exemplo, ocorre uma atenuação no grau de incerteza que é elevada por causa do item *talvez* com a focalização desse elemento a partir da clivagem com *é...que*, implicando o emprego do indicativo.

Concernente às orações intercaladas, chamadas também de orações parentéticas, e, aqui, neste artigo, tratamos especificadamente das que são iniciadas pelo *que*, são as que têm a especificidade de exigir o uso da forma subjuntiva com o mero intuito de limitar a generalidade de um asserto: “*Não há, que eu saiba, expressão mais suave*” (Bechara, 2009, p.239) - empregado substantivamente para a restrição de uma possibilidade: “Que me lembre, ele não disse isso (pelo que me lembro)” (Almeida, 2009, p.556).

Mesmo diante desses dogmas impostos, constatamos que o uso das orações intercaladas introduzidas por *que* com o verbo na forma indicativa, no dado (1) a seguir, rompe com essas prescrições gramaticais:

(1) INF: Eu queria um da Estrela... até o *chêro*, que eu me **LEMBRO**, que eu tinha primas que tinha essa boneca... eu lembro do *chêro* da boneca, da cabeça da boneca... eu sonhava... ela tinha um *cherinho* de bebê e eu sonhava... quando minha mãe me deu ela me deu lá em São Paulo uma imitação.(*Corpus PCVC* - D.F.P)

Em (1), a informante relata fatos da sua infância e evidencia, por meio das suas falas, uma memória vívida dos acontecimentos com riqueza de detalhes. No entanto, no decorrer do discurso, recorre ao uso da parentetização, “que eu me lembro” para atenuar o conteúdo veiculado a fim de que o relato não seja tomado de maneira categórica pelo ouvinte. Podemos observar que, na sentença, a escolha realizada no enunciado pelo modo indicativo tem o valor semântico de incerteza, traço esse que é inerente ao modo subjuntivo. Observamos, então, a evidência de duas formas, subjuntivo e indicativo, convivendo em um mesmo domínio funcional. Com essas primeiras observações do comportamento do subjuntivo, na próxima seção, acionamos alguns pressupostos teóricos que nos nortearam para uma melhor compreensão dessa competição de uso entre as formas subjuntiva e indicativa.

Pressupostos Teóricos

Nesta seção, abordamos a respeito de alguns pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Para isso, resgatamos os autores Bybee (2016); Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2016); Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

No livro *Variação e mudança em perspectiva construcional*, no capítulo intitulado *Arquitetura Construcional e Competição pelo Uso*, Oliveira (2008) expõe que é possível mostrar o quadro da competição pelo uso em fenômenos linguísticos em uma perspectiva construcional. Dessa maneira, em uma perspectiva da LFCU, a competição pelo uso em relação ao modo subjuntivo pode ser analisada a partir da frequência *token* e da frequência *type* e dos processos cognitivos de domínio geral analogia, categorização e memória rica.

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma vertente teórica que conjuga pressupostos teóricos do Funcionalismo e do Cognitivismo. Essa vertente de estudo foi implementada no Brasil a partir do século XXI e constitui um desdobramento do Funcionalismo na sua versão clássica que teve seu marco em 1970, na Costa Oeste dos Estados Unidos (Oliveira, 2017) acrescida a pressupostos da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções.

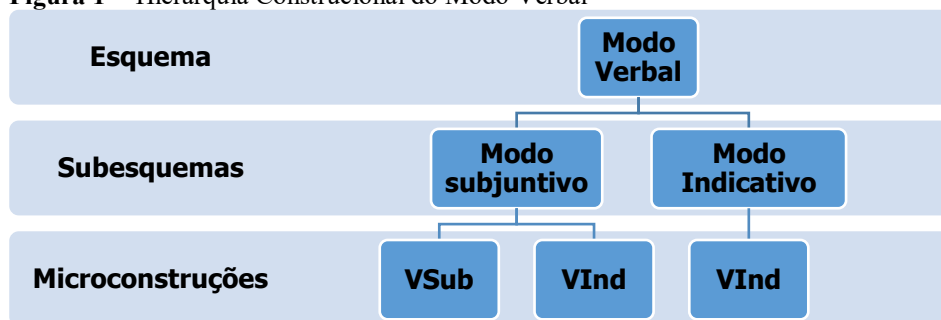
Dentro dessa perspectiva teórica, a língua pode ser compreendida como um inventário de pareamentos entre forma e função ou, em outras palavras, constituída por construções organizadas em uma rede. Nesse escopo teórico com base no uso da língua, a estrutura linguística não é considerada como inata, mas derivada de processos cognitivos de domínio geral (Traugott; Trousdale, 2013).

Ainda no âmbito dessa abordagem construcionista da gramática, o sistema linguístico é organizado “[...] como um estruturado inventário de unidades simbólicas e complexas, o qual compõe o conhecimento do falante sobre a língua.” (Cunha Lacerda; Oliveira, 2015, p. 52-53). A representação desse inventário é apresentada por uma rede taxonômica, na qual cada construção é estabelecida como um nó nessa rede. Tal rede é organizada de maneira hierárquica.

Sobre as frequências *token* e *type* conforme mencionadas em linhas precedentes, essas têm grande relevância no estudo baseado no uso, porque, através do levantamento da frequência, é possível mapear os quatro níveis para o estabelecimento da rede construcional: constructos, microconstrução, subesquema e esquema. Esse levantamento da frequência propicia indícios empíricos de que as inovações na língua que surgem no fluxo da interação, de fato estão em processo de padronização e regularização na língua como construções que são formalmente identificáveis (Cunha Lacerda; Oliveira, 2015).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a hierarquia construcional pode ser representada por três níveis: esquema, subesquema e microconstruções, como pode ser observado na Figura 1 a seguir:

Figura 1 - Hierarquia Construcional do Modo Verbal



Fonte: Elaboração própria

Considerando esses níveis hierárquicos estabelecidos por Traugott e Trousdale (2013), a variação do subjuntivo pode ser delineada da seguinte maneira: o nível do esquema vai ser constituído pelas propriedades específicas ou peculiares do modo verbal; no subesquema, o *slot* é preenchido com os valores semânticos inerentes aos modos verbais indicativo e subjuntivo; no nível da microconstrução, o *slot* é preenchido pelos verbos do tipo *dicendi*, causativo, existencial, volitivos, cognitivos, dentre outros, com formas no indicativo ou subjuntivo; e, por fim, os constructos constituem as realizações que os usuários fazem da língua.

Rosário e Oliveira (2016) enfatizam que as inovações que ocorrem no nível do constructo relacionam-se com as esferas mais abstratas das construções, ocasionando o surgimento de novos usos na língua. O processo de replicação desses usos, de uma maneira natural, conduz a criações inovadoras na língua por uma necessidade de maior expressividade por parte dos falantes. Essas inovações podem ser efetivadas no sistema da língua, tornarem-se obsoletas ou ainda desaparecerem completamente do sistema linguístico.

Em relação aos processos cognitivos de domínio geral que acionamos para entender a variação do modo subjuntivo, discutiremos especificamente: a categorização, a analogia, a memória enriquecida. A categorização pode ser entendida como a similaridade de identidade que decorre quando as palavras, os sintagmas e as suas partes

componentes são relacionados e identificados com representações estocadas (BYBEE, 2016). A analogia, por seu turno, é, definida por Bybee (2016), como um processo em que os enunciados novos emergem tendo como precedente os enunciados de experiências prévias. Esse processo também requer categorização. Nas palavras da linguista, “[...] as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas” (Bybee, 2016, p.27). E a memória enriquecida está relacionada à estocagem na memória dos detalhes referentes à experiência com a língua. Esse processo vai abarcar os pormenores fonéticos “[...] para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados” (Bybee, 2016, p.27). No processo da categorização, essas memórias ricas são mapeadas em representações que já existem.

Postas as habilidades cognitivas de domínio geral, também podemos explicar a variação linguística do modo subjuntivo a partir do princípio da expressividade máxima formulado por Goldberg (1995) que diz que “O inventário das construções é maximizado em virtude de propósitos comunicativos”¹ (Goldberg, 1995, p. 67, tradução nossa). Como já sublinhamos no decorrer do texto, nessa perspectiva teórica, a língua, dinâmica em essência, é (re)construída por seus falantes em função, sobretudo, de uma motivação: maior expressividade em suas interações.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), na esteira dessa vertente, afirmam que uma base teórica com o papel de descrição e explicação da gramática da língua baseada nos usos dos falantes, em processo de interação, tem, necessariamente, que considerar o contexto linguístico em que tal uso se realiza. Para entender o conceito de contexto, consideremos pertinente trazer as ideias de Du bois (2003) que afirma ser o contexto

[...] a soma da situação saliente, discurso prévio, ações dos falantes, modelos de conhecimento mútuo, frames culturais e, até mesmo, os processos publicamente observáveis de recursos de teor cognitivo em atos de comunicação. (Du Bois, 2003, p.54², tradução nossa)

¹ The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

² By context we understand no less than the sum of the salient situation, prior discourse, interlocutors' actions, models of mutual knowledge, cultural frames, and even the publicly visible processes of marshaling cognitive resources in acts of communication. (DU BOIS, 2003, p. 54)

Em um processo de análise de fenômenos da língua em uso, esse conjunto de elementos que compõe o contexto direciona o pesquisador à compreensão do processo de mudança linguística de uma maneira mais acurada. Frente às considerações postas do contexto, delinearemos, a seguir, como essa abordagem teórica define língua.

É salutar observar que o motivo primeiro para a concepção de língua como um sistema adaptativo complexo refere-se à variação e à gradiência que podem ser explicadas da seguinte maneira: (i) a gradiência está relacionada à questão de que categorias da língua/gramática são complexas nas suas distinções em virtude de a mudança suceder no tempo de maneira gradual, provocando, assim, o deslocamento de um elemento pertencente a uma categoria para outra pela extensão de um contínuo; (ii) a variação diz respeito a variedade na estrutura da língua que se apresenta no uso sincrônico, normalmente ao longo dos percursos contínuos de mudança que formam a gradiência (Bybee, 2016). Esse processo de gradação e variação ocorre nas línguas em virtude de elas não serem constituídas por estruturas fixas ou por categorias discretas.

Mencionados os pressupostos teóricos acionados para a análise da variação do modo subjuntivo, na próxima seção, explanaremos a respeito dos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Procedimentos metodológicos

O presente trabalho adota o método misto que, de acordo com Cunha Lacerda (2016), tem como fundamento o equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa. Nessa direção, a abordagem quantitativa nos permitirá delinear uma descrição do comportamento da variação do modo subjuntivo nas categorias da esquematicidade e produtividade e nos possibilitará apresentar evidências empíricas a respeito da quantificação das ocorrências no nível das frequências *token* e *type*. Adjungimos a essa abordagem quantitativa, a metodologia qualitativa, tecendo uma descrição detalhada do objeto de análise nos dados.

Os *Corpora* da pesquisa foram extraídos do banco de dados linguísticos que está vinculado ao projeto “Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa. A amostra é constituída

por 48 (quarenta e oito) gravações sendo assim distribuída: (i) 24 (vinte e quatro informantes) no contexto do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*); (ii) 24 (vinte e quatro informantes) no contexto do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*).

Utilizamos a ferramenta AntConc³ apenas para o contexto de oração independente, porque, a partir da busca do padrão construcional *talvez*, foi possível resgatar o uso do subjuntivo introduzido por essa construção. Em contexto de parentética, esse trabalho seria dispendioso já que teríamos que, antes da rodada, saber quais verbos estariam atuando nas construções com as orações parentéticas.

Caracterizada a natureza da nossa amostra, seguimos para a análise e discussão dos resultados.

Análise dos dados

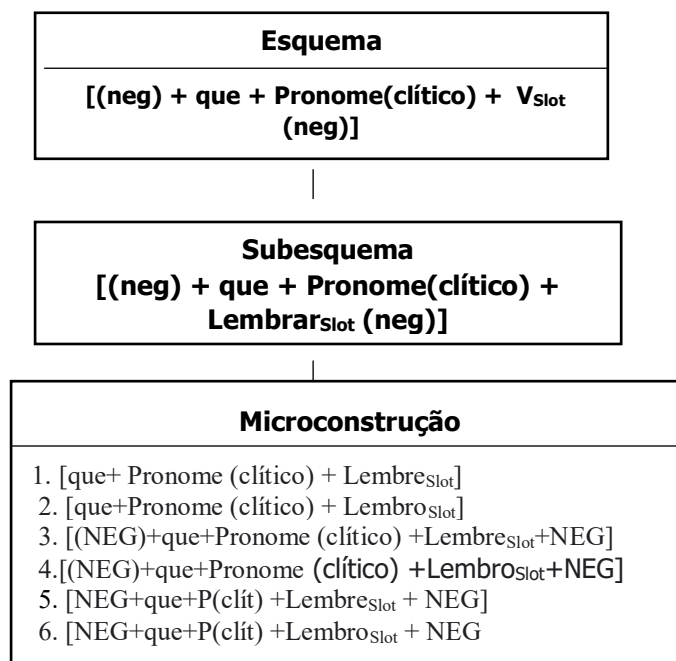
No contexto das orações intercaladas introduzidas por *que*, podemos observar as diferenças nas construções a partir dos níveis de esquematicidade como esquema, subesquema, microconstruções e constructos conforme é representado na Figura 2 a seguir:

Figura 2- Rede taxonômica de construções com subjuntivo em contexto de parentética

³ A ferramenta AntConc é um dos programas utilizados no escopo da Linguística de Corpus e foi desenvolvido por Lawrence Anthony. O seu acesso pode ser realizado no sítio <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>. (SALGADO, 2013)

A VARIAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES
INTRODUZIDAS PELO ITEM TALVEZ E EM ORAÇÕES INTERCALADAS

Vânia Raquel Santos Amorim



Fonte: Elaboração própria

Vejamos os constructos relacionados às microconstruções que os falantes realizam:

(2) DOC: No Brasil e na própria região onde moramos há crianças que trabalham desde cedo, você conhece alguém nessa reg?situação? INF: **Não, que eu me LEMBRE**, não... crianças que trabalham não... eu... sei que há eu sei, mas um pessoa da minha convivência que eu conheça assim não. (*Corpus PCVC - H.F.D.S*)

(3) DOC: [...] você tem parentes em outras cidades, em outras localidades ou são todos aqui de Vitória da Conquista? INF: Tenho, eu tenho uma... dois tios que são meus padrinhos, que moram em Conquista, não, aqui... moram em Curitiba, e... **que eu LEMBRE**, no momentos acho que só. (*Corpus PCVC - L.C.S*)

(4) INF: [...] eu morei ni dois bairros. Dois? Não. É, realmente. Dois bairros, **que eu me LEMBRO**, diferentes daqui da cidade, teve o bairro patagônia, eu morei catorze anos e teve o bairro urbis cinco que eu morei mais dez. (*Corpus PCVC - O.S.R*)

(5) [...] essa época era... dificuldade muito grande... financêra né... de... viver assim, **que eu me LEMBRO**, que eu comecei mentir pras minhas colegas que eu estudei num orfanato...e eu me lembro que comecei mentir pras colegas, e falar que eu tinha condição... eu morava numa casa de uma tia... (*Corpus PCVC - D.F.P*)

Nos dados de fala (2) e (3), os falantes restringiram a generalidade dos assertos com a parentização para que os ouvintes não tomassem os seus discursos como algo categórico. Nos exemplos de (4) a (5), os informantes utilizaram desse mesmo intuito, no

A VARIAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES
INTRODUZIDAS PELO ITEM TALVEZ E EM ORAÇÕES INTERCALADAS

Vânia Raquel Santos Amorim

entanto, as orações intercaladas são utilizadas com o verbo no modo indicativo. Apesar do uso nesse modo verbal, o valor semântico é de incerteza, valor que é inerente ao modo verbal subjuntivo. Assim, vemos a evidência, nos exemplos supracitados, da variação linguística entre as formas indicativas e subjuntivas.

Um fator importante que nos faz pensar nessa variação entre as formas subjuntivas e indicativas como demonstrado nas ocorrências de (2) a (5) é a questão da rotinização. Uma forma quando muito utilizada sofre um desbotamento semântico. Devido a sua alta frequência de uso e por ser muito previsível, torna-se inexpressiva no discurso. Como o uso do modo verbal subjuntivo é a forma usual e previsível em contexto de sentenças intercaladas iniciadas pelo *que* para restringir a generalidade de uma asserção no processo de interlocução com os falantes, esse modo verbal passa por esse processo de rotinização e o falante faz a escolha pelo uso do indicativo que emerge e entra em variação com formas do subjuntivo. Esse efeito está ligado a uma necessidade do falante de uma expressividade maior no processo de interação o que está diretamente relacionado ao princípio da expressividade máxima proposto por Goldberg (1995).

Assim, a forma prototípica (forma subjuntiva), pelo seu desbotamento semântico ou rotinização, perde a sua expressividade abrindo espaço para novas construções com o indicativo que tem o valor semelhante à forma do modo subjuntivo. Essa variação observada do subjuntivo pode ser explicada pelo fato de as línguas não serem constituídas de estruturas engessadas ou por categorias discretas, resgatando aqui Bybee (2016), citada anteriormente.

Na abordagem da LFCU, podemos observar essa variação do subjuntivo atestado no nível do *token*. Em contexto de parentética, tivemos um total de 27 (vinte e sete) *tokens* sendo 14 *tokens* do *Corpus* PCVC e 13 *tokens* do *Corpus* PPVC, segundo as especificações nas Tabelas 1 e 2:

Tabela 1 - Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências no *Corpus* PCVC

Frequência type e token	
lembre Sub	10 (71,4%)
lembro Ind	4 (28,6%)
Total	14

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2- Distribuição das construções em contexto de parentética por tipos e ocorrências

A VARIAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES
INTRODUZIDAS PELO ITEM TALVEZ E EM ORAÇÕES INTERCALADAS

Vânia Raquel Santos Amorim

no *Corpus* PPVC

Frequência <i>type e token</i>	
lembre _{Sub}	2 (15%)
lembro _{Ind}	11 (85%)
Total	13

Fonte: Elaboração própria

A frequência *token* vai ter uma relação direta com a produtividade, porque, como bem coloca Bybee (2016), a produtividade do esquema é altamente impactada pelo número de itens participantes. A frequência *token* também vai determinar o grau de entriceramento dos tipos particulares de construções. Já a frequência *type* ou frequência de tipo vai estar interligada aos tipos de construções que se formam com o subjuntivo ou o indicativo que podem preencher o *slot* de verbo. Assim, a frequência *type* vai determinar o grau de entriceramento do esquema [(neg) +que+Pronome (clítico)+Verbo_{slot} (neg)]. Quanto maior for o preenchimento do *slot* de verbo, maior será a produtividade com aumento de novas ocorrências, ou seja, da construção ser estendida a novas construções.

Se a construção é produtiva, impacta o grau de esquematicidade. Bybee (2016) enfoca isso com muita propriedade ao dizer que classes altamente esquemáticas recutram uma extensa gama de ocorrências.

Referente à análise das orações independentes com item *talvez*, em nossos *corpora*, o modo verbal subjuntivo apresenta-se nos seguintes padrões construcionais: No nível do esquema, (i) [Talvez + (neg)+ artigo + sub. + (neg) + V_{slot}], (ii) [Talvez + (sub) + V_{slot}], (iii) [Talvez + Pronome + se + V_{slot}], (iv) [Talvez + neg. +V_{slot}], (v) [Talvez + Pronome (Neg) + V_{slot}], (vi) [Talvez + adj +neg +V_{slot}], (vii) [Talvez + se + V]. No nível do subesquema, o *slot* de verbo é preenchido pelos tipos de verbos *investir, gostar, levantar, ser, divertir, estar, brincar, fazer, ter, faltar, ir, haver, existir, prejudicar, precisar, falar, morar e escrever*. Esses tipos de verbos, no nível das microconstruções, preenchem os *slots* com formas no indicativo ou no subjuntivo. Tivemos um total de 41(quarenta e uma) construções em contexto de oração independente distribuídas da seguinte forma nas amostras PCVC e PPVC:

Tabela 3 - Distribuição das construções na oração independente por tipos e ocorrências no *Corpus* PCVC

Frequência *type e token*

A VARIAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES
INTRODUZIDAS PELO ITEM TALVEZ E EM ORAÇÕES INTERCALADAS

Vânia Raquel Santos Amorim

V _{Sub}	26 (76,5%)
V _{Ind}	8 (23,5%)
Total	34

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4 - Distribuição das construções na oração independente por tipos e ocorrências no *Corpus* PPVC

Frequência <i>type e token</i>	
V _{Sub}	5 (71,4%)
V _{Ind}	2 (28,6%)
Total	7

Fonte: Elaboração própria

No *Corpus* PCVC com um total de 34 *tokens*, registraram-se 8 (oito) construções perfiladas pelo *type* forma indicativa, equivalente a 23,5%, como explicitado na Tabela 3. Já no *Corpus* PPVC, tivemos um total de 7 (sete) *tokens*, com registro de 2 (duas) construções perfiladas pelo *type* forma indicativa (28,6%), conforme Tabela 4.

A rotinização da forma prototípica (subjuntivo) e sua variação com a forma indicativa nos direcionam novamente a aplicação do princípio da expressividade máxima já discutida no contexto de oração parentética. Aqui, a forma prototípica no contexto das orações independentes passa pelo mesmo processo de desbotamento semântico, e, por isso, os falantes, por uma necessidade, buscam novas formas para se expressar.

Amorim e Sousa (2021a) esposam da ideia de Hopper (1991) e, aqui, coadunamos com o mesmo pensamento de que a variação da língua acontece em virtude do contexto linguístico pressionar o sistema linguístico por uma necessidade de uso. Isso gera, então, uma contínua reorganização e remodelação nas estruturas da língua trazendo à tona a chamada gramática emergente.

Acionando os processos cognitivos de domínio geral, referente à categorização, ela não é estaque, mas gradiente e, tendo essa natureza, as fronteiras existentes entre construções distintas não são discretas e isso pode ocasionar, em alguma medida, uma abertura de espaço para a neutralização entre exemplares diferentes gerando, assim, a concomitância entre as construções (Oliveira, 2019). Desenhada a natureza da categorização, a aplicamos a variedade do modo subjuntivo entendendo, assim, a sua permuta com formas do indicativo.

Em relação ao processo da analogia, as enunciações novas são formadas a partir de outros enunciados já existentes. Nesse ângulo, o modo verbal subjuntivo ao expandir

o nível semântico-pragmático recrutando formas do indicativo com valor inerente do subjuntivo, temos aí delineado esse processo de analogia.

No que concerne à memória enriquecida, o subjuntivo requerido nos contextos das independentes introduzidas pelo item *talvez* e nas orações intercaladas introduzidas por *que* é altamente previsível. A rotinização desse uso gera uma alta estocagem na memória enriquecida dos detalhes que os interactantes experienciaram com a língua. Em virtude disso, essas construções linguísticas vão ser conservadas por um tempo maior nos usos linguísticos. (Amorim; Sousa, 2021b)

Em linhas gerais, esses processos cognitivos de domínio geral impactam o comportamento do subjuntivo nas esferas hierárquicas da rede. Analogia, por exemplo, ao recrutar formas do modo verbal indicativo para ocupar o *slot* de verbo no nível da microconstrução, influencia no aumento da produtividade no nível do subesquema que antes só recrutava verbos em sua forma subjuntiva. A consequência disso é o aumento no nível do esquema porque o indicativo vai configurar um item a mais na esfera do modo verbal subjuntivo, carregando a similaridade do seu valor nocional, conforme podemos observar nos dados que se seguem:

(6) INF: [...] eu fiz prova do Enem que, a meu ver, é menos cansativo do que o vestibulá e eu sempre fiz... com um descomprometimento muito grande, recebé a notícia de que eu tinha sido selecionada pelo SISU... e entrar na universidade foi um impacto...**TALVEZ SE EU TIVESSE** passado no vestibulá eu não teria me sentindo tão emocionada... (L.S.S - *Corpus* PCVC)

(7) INF: [...] EU não gosto mUItO de... de... cidades grande né... então... **TALVEZ EU TERIA** um pouco de dificuldade em viver em cidades grandes ate porque... é... é... por...por ter sido criado em cidades pequenas... (H.F.D.S - *Corpus* PCVC)

Observamos que o verbo “ter” nas construções (6) e (7), constituem duas formas que estão em variação e, por isso, podemos dizer que o modo verbal subjuntivo recruta a forma indicativa (*teria*), que, ocupando esse lugar, passa a carregar similaridades semânticas inerentes ao subjuntivo.

A fim de aplicamos essas observações a um ensino de gramática condizente com a realidade do aluno, na próxima seção, refletimos a respeito de como a LFCU pode

contribuir para o ensino de Língua Portuguesa no que diz respeito ao conteúdo gramatical modo verbal.

O modo verbal subjuntivo: um ensino baseado no uso

Nenhuma língua é homogênea e, por essa razão, a nossa sociedade é composta por uma ampla diversidade de normas linguísticas. Dado essa assertiva, a escola tem uma enorme responsabilidade de apresentar ao aluno não só a norma-padrão da língua ou as condições para que os alunos adquiram a norma culta, mas, também, ensinar-lhes a pluralidade das normas que nos rodeiam e capacitá-los a adequar as suas escolhas linguísticas nos diversos espaços da esfera social a fim de desenvolver a sua competência discursiva.

A Linguística Funcional Centrada no Uso tem trazido grandes contribuições para se repensar o ensino de Língua Portuguesa. Alinhando essa abordagem ao ensino do modo verbal subjuntivo, podemos compreender os usos linguísticos a partir dos processos cognitivos de domínio geral tratados aqui.

Compreender como se dá o processo de categorização na língua, como determinada construção é estocada na memória enriquecida do falante e de como as analogias ocorrem nos direcionam ao caminho da variação e gradiência tão inerentes a língua e a entender esse processo variável que acontece com o modo verbal subjuntivo. Entender os contextos de prototipia do subjuntivo e de que determinadas categorias na língua se posicionam de maneira mais central e outras de maneira mais marginal nos coloca em espaços fronteiros para compreendermos e, principalmente, legitimarmos a variação.

Diante dessa evidência de variação que é inerente a todas as línguas, o ensino produtivo de Língua Portuguesa não deve privilegiar apenas uma norma da língua, mas trabalhar a diversidade de usos linguísticos no amplo leque de textos e gêneros variados. Assim, estaremos conduzindo o alunado a desenvolver a sua capacidade reflexiva na adequação das suas escolhas linguísticas na esfera tanto da fala quanto da escrita. Como bem salienta Mallmann (2020)

Um das formas de possibilitar que o aluno tenha contato com diferentes normas linguísticas é trabalhar o texto em sala de aula, pois é através do contato

com gêneros textuais diversos que o discente poderá refletir sobre aspectos extralinguísticos, como contextos sociocomunicativos, tipos distintos de interlocutores e estratégias discursivas, que, conseqüentemente, possibilitarão que ele empregue a norma linguística mais adequada para determinada situação comunicativa. (Mallmann, 2020, p. 16)

O aluno tendo todos esses conhecimentos apreendidos em um processo de ensino baseado no uso terá subsídios para refletir, por exemplo, na variação do modo subjuntivo, a qual, certamente, ele tem contato ou por falar ou por ouvir. Entender que determinadas construções entram em um processo de desbotamento semântico devido à rotinização do seu uso e de que, a rigor, as variações surgem como estratégias novas por uma necessidade comunicativa para melhor se expressar, nos conduz a uma noção muito cara aos estudos linguísticos: a língua é viva. E, sendo viva, é nosso papel, na condição de pesquisadores, construir saberes e estratégias que permitam reconhecer legitimamente esses processos de variação, gradiência e mudança da língua com a meta de serem colocados em prática em prol de um ensino reflexivo e produtivo da gramática.

Considerações finais

O intuito desta pesquisa foi analisar a variação do subjuntivo entre construções com verbos no modo subjuntivo (V_{sub}) e no modo indicativo (V_{ind}) em orações parentéticas introduzidas pelo *que* e em orações iniciadas pelo item *talvez* nos diferentes contextos de uso em que são instanciadas.

A pesquisa foi ancorada nos aportes da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Para isso, tomamos como referência, sobretudo, os teóricos Bybee (2016); Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2016); Traugott e Trousdale (2013), entre outros.

Em termos metodológicos, a pesquisa tem um cunho quantiquantitativo com o exame de uma amostra constituída por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) e 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular (*Corpus PPVC*). No que tange à análise dos dados, os nossos resultados evidenciaram que a variação do subjuntivo pode ser explicada pelo princípio da expressividade máxima, pela frequência *token* e *type*, por fatores atinentes a habilidades cognitivas de domínio geral (categorização, memória rica e analogia) e pela proposição hierárquica e esquemática na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013).

A VARIAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INDEPENDENTES
INTRODUZIDAS PELO ITEM TALVEZ E EM ORAÇÕES INTERCALADAS

Vânia Raquel Santos Amorim

A abordagem da LFCU constitui uma proposta que reconhece legitimamente a variação, gradiência e mudança da língua, além de oferecer suportes para compreensão dos processos de variação que acontecem na língua como pode ser observado com o modo verbal subjuntivo. Em virtude de a Tradição Gramatical não oferecer subsídios necessários para isso, a explicação da variação do modo subjuntivo a partir dos fundamentos da LFCU traz uma grande contribuição para uma reflexão mais eficiente da variação da língua em uso e, sobretudo, uma contribuição para um ensino mais eficaz da gramática no sistema escolar brasileiro.

Outra contribuição relevante a ser destacada no processo da educação linguística concernente à variação do modo verbal subjuntivo é que a teoria pode fornecer aparatos para a criação de atividades mais contextualizadas em relação ao modo verbal, priorizando assim o desenvolvimento de habilidades que conduzam o aluno não só ao uso adequado da variedade linguística em cada contexto de interlocução, mas também a construção de uma reflexão a respeito dos norteadores que influenciam nesses processos de variação da língua.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

AMORIM, Vania Raquel Santos; SOUSA, Valéria Viana. Um olhar Sociofuncionalista no estudo da estratificação/variação das orações completivas e parentéticas. **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 309-332, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/10218>. Acesso em: 6 set. 2023a.

AMORIM, Vânia Raquel Santos; SOUSA, Valéria Viana. A variabilidade do modo subjuntivo: um estudo de base construcionista. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 79 supl., Ano 27, p. 292-308, jan/abr. 2021b.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016[2010].

- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da; OLIVEIRA, Nathália Félix. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. **O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional**: reflexões e propostas. *Revista Linguística/Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.
- DU BOIS, John. W Discourse and grammar. *In*: TOMASELLO, Michael. (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. Mahwah, New Jersey/London: LEA, 2003. v.2.
- DUARTE, Milcinele da Conceição; CASSEB-GALVÃO, Vânia. Funcionalismo clássico aplicado ao ensino. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- GOLDBERG, Adele Eva. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática dos usos do português**. 2.ed. São Paulo: editora Unesp, 2011.
- MALLMANN, Adriana Cristina Lopes Gonçalves. Capítulo 2. *In*: RODRIGUES, Violeta Virgínia. **Ensino das orações adjetivas em sala de aula: reflexão e prática**. São Paulo: Blucher, 2020.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Linguística funcional centrada no uso. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura. (Orgs.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. São Paulo:Parábola Editorial, 2017.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Arquitetura construcional e competição pelo uso. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. **Variação e mudança em perspectiva construcional**. Natal: EDUFRN, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. **Funcionalismo e Abordagem construcional da gramática**. Alfa, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C., & TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press. 2013.

Informações dos autores

Vania Raquel Santos Amorim. Mestra em Linguística (2015) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin). Doutoranda em Linguística (2019) pela mesma Instituição (PPGLin) - Bolsista CAPES. É integrante do Grupo de Pesquisa em em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo (CNPQ).

Contribuição de autoria: autora.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5650948493367405>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

AMORIM, Vania Raquel Santos. A variação do modo subjuntivo em orações independentes introduzidas pelo item talvez e em orações intercaladas. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 11, 2023, p. 182-201.